

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

Miller França Michalick

Especialista em Gestão Estratégica de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Tenente Coronel da Polícia Militar de Minas Gerais.

Hélio Hiroshi Hamada

Doutor e Mestre em Educação, Coronel da Polícia Militar de Minas Gerais.

RESUMO: O presente artigo explorou a utilização da cobertura na Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG). O objetivo geral do trabalho foi identificar se a cobertura, sob os aspectos da ergonomia e da estética militar, atende às necessidades dos policiais militares. Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: investigar as teorias de ergonomia no trabalho aplicáveis ao uso do uniforme; caracterizar os aspectos da estética militar inerentes ao uso do fardamento; conhecer a opinião dos policiais militares sobre o uso da cobertura na PMMG. A pesquisa caracterizou-se como exploratória, tendo-se em vista a insuficiência de estudos que avaliem a temática. Com relação às técnicas de coleta de dados, utilizou-se documentação indireta (pesquisa bibliográfica), por meio dessa técnica foram examinadas, como fontes primárias e secundárias de consulta, produções acerca do tema em documentos normativos, livros, periódicos, trabalhos acadêmicos, sítios da *internet*, dentre outros. Foi realizada além de observações diretas extensivas, através da distribuição de questionários constituídos por uma série de perguntas que foram respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador, com auxílio da plataforma de formulários da *Google*. Após analisar e interpretar os dados, os resultados evidenciaram a insatisfação dos respondentes em relação ao uso da cobertura para

as atividades de policiamento motorizado, bem bem como o entendimento de que a boina não se trata de um equipamento de proteção individual. Também evidenciaram que, sob o enfoque da estética militar, o uso da cobertura contribui para a boa apresentação pessoal do Policial Militar, sendo importante para o policiamento a pé, contribuindo para a ostensividade no desempenho das atividades, culminando em um maior estabelecimento da segurança objetiva à população. Infere-se, portanto, o entendimento de que a cobertura atual, constituída pela boina preta, trata-se mais de uma peça ornamental, que contribui para a boa apresentação pessoal do policial militar, do que de um equipamento de proteção individual, que contribua positivamente para o desempenho das atividades policiais militares. **PALAVRAS-CHAVES:** Polícia Militar. Ergonomia. Estética Militar. Uniforme. Cobertura. Boina.

ABSTRACT: The present term paper explored the use of the military headgear in the Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG). The general objective of this study was to identify whether the headgear, under the aspects of ergonomics and military aesthetics, has met the needs of the military police officers. The following specific objectives were established: to investigate theories of ergonomics at work applicable to the use of the uniform; characterize aspects of military aesthetics inherent in the use of uniforms; to know the opinion of the military police officers about the use of the headgear. The research was characterized as exploratory, in view of the insufficiency of studies that evaluate the theme. Regarding data collection techniques, indirect documentation (bibliographical research) was used, through which this technique was analyzed as primary and secondary sources of reference, on normative documents, books, periodicals, academic works, websites, among others,

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

as well as extensive direct observations, through the distribution of questionnaires consisting of a series of questions that were answered in writing and without the presence of the researcher, with the aid of the Google Forms. After analyzing and interpreting the data, the results showed the respondents' dissatisfaction with the use of the headgear for motorized policing activities, as well as the understanding that the beret is not an individual protection equipment. They also showed that, under the focus of military aesthetics, the use of headgear contributes to the good personal presentation of the Military Police, being important for policing on foot, contributing to the ostensibility in the performance of activities, culminating in a greater establishment of objective security to population. It is inferred, therefore, the understanding that the current cover, consisting of the black beret, is more an ornamental piece, which contributes to the good personal presentation of the military police, than an individual protection equipment, which contributes positively to the performance of military police activities.

KEY-WORDS: Military Police. Ergonomics. Military Aesthetics. Uniform. Headgear. Beret.

INTRODUÇÃO

Mais do que um conjunto de peças para vestir, o fardamento carrega um significado profundo que se confunde com a própria história das Instituições Militares. São peças fundamentais para evidenciar a identidade da organização, trazendo uma distinção em relação à sociedade. Ao mesmo tempo, há milhares de indivíduos que fazem parte do corpo de tropa que assimilam essas particularidades advindas da semiose¹ do fardamento

¹Semiose é um termo que foi introduzido pelo filósofo e matemático norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) para designar o processo de significação e a produção de significados, ou seja, a maneira como os seres

(REGO, 1934; CAMARGO, 1997; COELHO, 1998; SIRIMARCO, 2009; DUARTE, 2016).

Ocorre que, há muito tempo, existem dilemas e paradoxos nas discussões que envolvem o fardamento, principalmente quando as Instituições Militares levantam necessidades de mudança de uniformes, com a extinção ou inclusão de peças. A teorização desta discussão está submergida em aspectos sociais, culturais, éticos, econômicos e tem influenciado as decisões de manutenção ou mudança em fardamentos (BOURDIEU, 1993; SIRIMARCO, 2009; DUARTE, 2016).

Isto posto, a ideia do presente estudo foi debruçar sobre os aspectos inerentes ao uso da cobertura pelos policiais militares durante suas atividades, adotando-se por base as teorias da ergonomia, associadas aos trabalhos desempenhados pelos policiais militares, bem como a sua utilização enquanto elemento estético na composição do uniforme da polícia militar. Tal delimitação visa demonstrar o quanto uma peça do fardamento pode significar, em termos de simbologia, para a Instituição e para os militares que a utilizam.

A pesquisa pretendeu compreender o seguinte problema: Será que sob o enfoque da ergonomia e da estética militar, o uso da cobertura atende às necessidades dos policiais militares durante a execução de suas atividades?

Para compreensão do tema, primeiramente, buscou-se investigar as teorias da ergonomia e as condições de trabalho aplicáveis ao uso do uniforme, perpassando pelos equipamentos de proteção individual e a qualidade de vida no trabalho. Em seguida, sob o enfoque da estética militar, procurou-se caracterizar os aspectos inerentes ao uso do uniforme e da cobertura.

humanos usam um signo, seu objeto (ou conteúdo) e sua interpretação (CIBERDÚVIDAS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2020).

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

Feita a explanação teórica, é realizada uma análise e interpretação de dados de pesquisa que foi realizada junto a 1151 (um mil cento e cinquenta e um) policiais militares mineiros, por intermédio de observações diretas extensivas. Foi apresentado questionário com uma série de perguntas que foram respondidas sem a presença dos pesquisadores, com auxílio da plataforma de formulários *online Google Forms*, que por sua vez apresentaram relevantes informações acerca do uso da cobertura no âmbito da Polícia Militar de Minas Gerais.

1 ERGONOMIA E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Após a II Guerra Mundial, por volta de 1940, surge a ergonomia com o objetivo de buscar compreender a complexidade da interação do ser humano com o trabalho, como consequência do trabalho interdisciplinar realizado por diversos profissionais, oferecendo subsídios teóricos e práticos para aprimorar a citada interação. Sua origem foi a resultante da atuação conjunta de engenheiros, psicólogos e fisiologistas para remodelarem os aviões de caça ingleses, de forma que fossem mais adaptados às condições humanas. O êxito dessa experiência interdisciplinar a credenciou para ser exportada para o mundo industrial no pós-guerra (IIDA, 2005; WACHOWICZ, 2007; FERREIRA, 2008).

Entretanto, destaca-se que a origem do termo data de 1857, quando o polonês Wojciech Jastrzebowski nomeou uma de suas obras de “Esboço da ergonomia ou ciência do trabalho baseada sobre as verdadeiras avaliações das ciências da natureza”. O termo foi adotado oficialmente na Inglaterra, em 1949, quando da fundação da *Ergonomic Research Society*² (IIDA 2005; WACHOWICZ, 2007; FERREIRA, 2008).

Wisner (1987, p. 12) apresenta a ergonomia como “o conjunto de conhecimentos científicos relativos ao homem e necessários

²Sociedade de Pesquisa Ergonômica, em português.

para a concepção de ferramentas, máquinas e dispositivos que possam ser utilizados com o máximo de conforto, segurança e eficácia”.

Segundo a Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO), em agosto de 2000, a IEA - Associação Internacional de Ergonomia adotou a definição oficial apresentada a seguir:

A Ergonomia (ou Fatores Humanos) é uma disciplina científica relacionada ao entendimento das interações entre os seres humanos e outros elementos ou sistemas, e à aplicação de teorias, princípios, dados e métodos a projetos a fim de otimizar o bem-estar humano e o desempenho global do sistema. [...] A palavra Ergonomia deriva do grego *Ergon* [trabalho] e *nomos* [normas, regras, leis]. Trata-se de uma disciplina orientada para uma abordagem sistêmica de todos os aspectos da atividade humana. Para darem conta da amplitude dessa dimensão e poderem intervir nas atividades do trabalho é preciso que os ergonomistas tenham uma abordagem holística de todo o campo de ação da disciplina, tanto em seus aspectos físicos e cognitivos, como sociais, organizacionais, ambientais, etc. (ABERGO, 2018).

A ergonomia não se trata de uma ciência exata ou estanque, visto que engloba diversos fatores humanos relativos à interação do homem com o seu ambiente de trabalho, não somente os ambientes físicos, mas também os organizacionais e cognitivos. Por contemplar um espectro vasto, diversas podem ser as aplicações deste campo do conhecimento.

A ergonomia estuda diferentes fatores intervenientes no desempenho produtivo e procura reduzir as consequências nocivas ao trabalhador. A eficiência virá como consequência. Não é aceitável colocar a eficiência como objetivo principal da ergonomia, visto que, isoladamente, poderia justificar medidas

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

que aumentem os riscos, além do sofrimento e sacrifício do trabalhador, o que é inaceitável, porque a ergonomia visa em primeiro lugar, à saúde, à segurança e à satisfação do trabalhador (IIDA, 2005).

lida (2005) elenca quatro fatores componentes dos objetivos básicos da ergonomia: satisfação, eficiência, saúde e segurança. A participação dos trabalhadores e demais atores organizacionais envolvidos com a situação-problema é vital para obtenção de resultados confiáveis da Análise Ergonômica do Trabalho (AET). Essa participação deve ser voluntária (e não imposta pela hierarquia), efetiva (e não necessariamente formal) e global (em todas as etapas da AET e não residual, tópica). Mas para que isso se torne viável, é imprescindível o apoio da alta administração da organização para facilitar e encorajar a participação de todos esses profissionais na solução de problemas ergonômicos (IIDA, 2005; FERREIRA, 2011).

Os trabalhos em ergonomia têm uma dupla vertente, científica e prática, que se traduzem em mudanças implantadas nas organizações nas quais as intervenções são realizadas de forma que os resultados das intervenções ergonômicas vão interagir nos diversos campos e áreas do conhecimento. A ergonomia é uma disciplina para a ação sobre o real e se expressa de forma especialmente pertinente para os projetos de mudanças na tecnologia física e de gestão. Os desdobramentos de uma intervenção ergonômica podem ser muitos, mas o que confere um caráter de intervenção ergonômica é o resultado materializado num projeto implantado de mudanças para melhor (VIDAL, 2001).

1.1 Ergonomia e o uso dos equipamentos de proteção individual

Não há que se falar em análise ergonômica do trabalho sem perpassar pela análise dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI). Essa análise deve levar em conta a assertiva de que é

preciso adaptar o trabalho ao ser humano e não ao contrário, atuando a ergonomia como parâmetro ético e técnico para o desenvolvimento das tarefas desempenhadas pelo trabalhador, inclusive influenciando no uso de determinado EPI (WISNER, 1987; NOULIN, 2002; IIDA, 2005).

Produzir um efeito positivo no ambiente de trabalho decorrente do uso do EPI não é tarefa simples, visto que a sua utilização envolve uma série de nuances, que podem interferir diretamente na utilização, ou não utilização, de determinado equipamento. Torna-se pertinente realizar uma análise pormenorizada das atividades laborais desenvolvidas, visto que a utilização está diretamente vinculada à compatibilidade do equipamento com a tarefa executada e à satisfação de seu uso pelo trabalhador.

No campo da ergonomia, a usabilidade relaciona-se ao conforto e eficiência do produto, “usabilidade (neologismo traduzido do inglês *usability*) significa facilidade e comodidade no uso dos produtos.” (IIDA, 2005, p. 32).

O uso de determinado produto está relacionado não só às características físicas do produto, mas principalmente à adequação deste às tarefas desempenhadas pelos usuários, além da percepção de como o produto pode influenciar positivamente na sua performance ao realizar suas atividades (WISNER, 1987; IIDA, 2005). Não se trata, portanto, de uma avaliação fácil de ser aferida. Gonçalves e Lopes (2007) descrevem que a ergonomia considera que todos os produtos necessitam satisfazer as necessidades humanas, devendo apresentar algumas características básicas como qualidade técnica, qualidade ergonômica e qualidade estética.

Insta salientar que cabe à ergonomia o papel de contribuir para o desenvolvimento de produtos adequados aos utilizadores, considerando o aspecto de funcionamento e eficácia do produto, de forma que o indivíduo usufrua de seus benefícios com perfeito desempenho, bem como identifiquem suas contribuições. A

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

ergonomia traz ou designa possibilidade de influenciar a vida dos indivíduos contribuindo para uma melhoria na vida dos utilizadores (GONÇALVES; LOPES, 2007, p. 5-7).

Em relação à compatibilidade da tarefa e o uso do EPI, Wisner (1987, p. 93-94) cita que “o conforto e a duração máxima de uso do EPI colocam problemas difíceis, pois frequentemente não se liga para o desconforto e até para a dor durante o trabalho. Na prática, se o sofrimento é muito intenso, o EPI deixa de ser usado”.

Numa perspectiva ergonômica, o desenho de vestuário significa que o designer considera as necessidades psicológicas, sociais e físicas do utilizador. As necessidades do utilizador, juntamente com as formas, os materiais e os pormenores, formam a base da seleção de componentes do design de vestuário, desta forma o designer poderá fazer corresponder o conforto, a segurança e o desempenho às necessidades e expectativas dos utilizadores (LABAT³, 2006 *apud* SANTOS, 2012, p. 28).

Essa percepção apontada levou às organizações modernas a reverem seus princípios, se anteriormente o foco estava na realização das tarefas, com priorização da mecanização em detrimento do homem, ou seja, adaptação do homem à máquina, atualmente as organizações passaram a preocupar com o bem-estar e a saúde dos trabalhadores, que na lógica inversa à anterior, adaptaram as funções ao homem, que assim se sente mais valorizado e respeitado (IIDA, 2005; WACHOWICZ, 2007).

O trabalho moderno é caracterizado pela flexibilidade e maior respeito às diferenças individuais. É consenso que a ergonomia, em seu sentido amplo, tem contribuído para melhorar não só as condições de trabalho, mas também a vida cotidiana, portanto

³LABAT, Karen L. Human factors as applied in apparel design. International Encyclopedia of Ergonomics and Human Factors, Ed. W. Karwowski, p. 1655-1657, 2006.

sua contribuição não se restringe somente às indústrias ou ao trabalho, contribuindo para a melhoria da saúde, conforto e eficiência no dia a dia da vida em sociedade (WISNER, 1987; IIDA, 2005; WACHOWICZ, 2007; FERREIRA, 2008; FERREIRA, 2011).

Wachowicz (2007, p. 193) aponta que, “a qualidade de vida no trabalho está inserida na ergonomia, pois ambas atuam de forma holística”, e conclui que “[...] todos os investimentos feitos nessas áreas surtem efeitos imediatos, não somente em termos de retorno financeiro, mas em relação ao trabalhador, que assim se sente valorizado e respeitado”.

1.2 Ergonomia e qualidade de vida no trabalho (QVT)

Atualmente, tem crescido nas organizações o interesse pelo tema Qualidade de Vida no Trabalho (QVT). Vários atores se veem envolvidos na temática, tais como empresas, trabalhadores, órgãos públicos, organizações sociais, sindicatos e associações de trabalhadores. Surgido em meados da década de 50, na Inglaterra, por meio de um psicólogo chamado Eric Trist, o movimento QVT evidenciou a relação existente entre trabalhador e organização, tendo como um dos aspectos fundamentais estudados os fatores que levavam os indivíduos a realizarem suas tarefas com satisfação na empresa (RIBEIRO; SANTANA, 2015, p. 80).

As transformações do mundo do trabalho obrigaram as organizações a se preocupar e necessitar de pessoas motivadas e comprometidas com objetivos e filosofia institucionais. Assim, o mapeamento das condições gerais de trabalho tornou-se componente importante da gestão (TIMENI, 2011).

A Gestão de Pessoas, no âmbito das organizações, apresentou uma evolução influenciada por diversos fatores, em especial os relacionados aos aspectos sociais e econômicos incidentes em cada período. A relevância do assunto para as organizações reside no fato destas serem formadas por pessoas, as quais são as responsáveis pela tomada de decisões e pela execução das

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

atividades diretamente relacionadas à efetividade do alcance dos objetivos organizacionais.

Segundo Limongi-França (1997), a construção da qualidade de vida no trabalho ocorre a partir do momento em que se olha a empresa e as pessoas como um todo. Ela, ainda, apresenta a QVT como um conjunto das ações de uma empresa que envolvem a implantação de melhorias e inovações gerenciais e tecnológicas no ambiente de trabalho. A mesma pesquisadora esclarece que a origem do conceito vem da medicina psicossomática que propõe uma visão integrada, holística do ser humano, em oposição à abordagem cartesiana que divide o ser humano em partes.

Fernandes⁴ (1996 *apud* RIBEIRO; SANTANA, 2015, p. 79) descreve que “a Qualidade de Vida no Trabalho pode ser vista como uma estratégia, cujo intuito é aliar os interesses individuais ao da organização para atingir um bem comum”. Pode-se entender a QVT como um programa que busca facilitar e satisfazer as necessidades do trabalhador para desenvolver suas atividades na organização e que parte da premissa de que as pessoas são mais produtivas quanto mais estiverem satisfeitas e envolvidas com o próprio trabalho (CONTE, 2003).

Conforme Timeni (2011, p. 4) a quase totalidade das definições de QVT “guarda, entre si, como ponto comum, o objetivo de propiciar a humanização do trabalho, de elevar o bem-estar dos trabalhadores e de produzir maior abertura política nas decisões e problemas do trabalho”.

Essa tarefa apresenta elevado grau de complexidade. Ao se conciliar os desejos individuais às diversas variáveis organizacionais, além de se buscar a garantia de um tratamento equitativo e justo no âmbito da organização em relação aos seus trabalhadores, a organização também objetiva uma melhora no

⁴FERNANDES, Eda. Qualidade de vida no trabalho: como medir para melhorar. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.

desempenho e na contribuição individual para o alcance dos resultados.

Conte (2003, p. 33) reforça a ideia da importância das pessoas na organização ao esclarecer que “a meta principal do programa de QVT é a conciliação dos interesses dos indivíduos e das organizações, ou seja, ao melhorar a satisfação do trabalhador, melhora-se a produtividade da empresa”.

2 ESTÉTICA MILITAR

As organizações militares possuem alguns princípios basilares. Os principais são a hierarquia e a disciplina, mas não se pode excluir como característica marcante destas organizações o respeito às tradições. A tradição confere às corporações militares o uso de uma estética diferenciada da população civil, de forma a distinguir visualmente seus integrantes dentro da sociedade. Essa distinção diferenciada, tão peculiar para as organizações militares, é também conhecida como estética militar.

Embora o termo estética tenha sido cunhado só no século XVIII por Alexander G. Baumgarten (1714-1762), com a obra *Aesthetica* (1750/58), a reflexão filosófica sobre o tema é bem mais antiga (MARÇAL, 2009).

Sócrates, que viveu por volta de 400 a.C., associava o belo ao útil. Ou seja, se um objeto se adapta e cumpre sua função, é belo, mesmo que não esteja adornado. Sócrates inaugura um tipo de estética funcional utilitária, que cotidianamente está presente na produção dos objetos de uso corriqueiro, mas que também possuem uma preocupação estética (SANTOS, 2010).

A definição de estética, interessante para a presente pesquisa, é a relacionada à filosofia. Visto que leva a elucubrações que extrapolam as simples observações do fenômeno artístico e a leva como ciência que trata do belo em geral e as reflexões que despertam nos seres humanos. Dessa forma, a estética pode

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

propor alguma aplicabilidade para as organizações policiais militares.

2.1 Estética militar e o uso do uniforme

Em conformidade ao pensamento socrático e vinculado diretamente à ergonomia, ao discorrer sobre o uso do uniforme, Flügel (1966, p. 210) esclarece que “a fim de proporcionar maior satisfação, nossos trajes não devem somente ser bonitos, higiênicos, baratos e confortáveis; devem também ser convenientes para o uso”.

De forma didática, uniforme, que também pode ser chamado de farda ou fardamento, pode ser entendido por aquilo que possui apenas uma forma. Nesse caso como um vestuário padronizado de uso regular de uma corporação, classe ou instituição, elaborados para tornar quem o usa igual, semelhante ou idêntico (CORAZZA, 2004).

No meio militar, o uniforme é denominado de farda. Na literatura, há nítida vinculação dos termos uniforme e farda (REGO, 1934; COELHO, 1998; SIRIMARCO, 2009; CORAZZA, 2004). Sendo a farda mencionada como definição de uniforme, quando se trata do vestuário padronizado e distintivo usado pelos membros de uma categoria, no caso, a militar. Para a presente pesquisa, os termos farda e uniforme assumem igual sentido, sendo ambos utilizados para designar a vestimenta utilizada por militares, podendo aparecer nos textos ora com uma ou outra designação, a depender dos autores pesquisados. Após a devida definição dos termos, passa-se a discorrer mais especificamente sobre a estética militar e o uso do uniforme.

Outra particularidade presente no uso do uniforme está no fato de que ele apaga as distinções do corpo, em prol de uma lógica que favoreça o ordenamento disciplinar. A visualidade

outorgada pelo uniforme, como uma camada homogeneizadora, também permite a fácil identificação e captura dos elementos diferenciadores que ensejam a livre afirmação de sua singularidade (VILELA; JUNGER, 2013).

Apesar do incontestado papel do uniforme, seu uso não serve apenas para demonstração de força ou distinguir o militar do civil. Na contemporaneidade, o uniforme assume diversas outras características relevantes como a organização e disciplina decorrentes da estética militar, de modo a demonstrar segurança à sociedade pelo emprego do poder de polícia (LISBOA, 1997).

Percebe-se a complexidade que envolve a temática da utilização de uniformes, visto que apresenta múltiplas implicações e significados, tanto para aqueles que o utilizam, quanto para a sociedade na qual se encontra inserido.

Nos campos da Ergonomia Cognitiva e da Filosofia Moral, reconhece-se ser possível uma investigação sobre as fardas enquanto objetos de interface com a cognição humana, capazes de influenciar comportamentos por meio de seu uso, ou seja, a estética de um produto interfere na forma de seu uso (DUARTE, 2012).

Assim, pode-se intuir que o uniforme assume uma grande relevância para as organizações policiais, mormente àquelas que possuem como atividade precípua o policiamento ostensivo, não só por identificar seus membros, mas também pelo significado que impõe aos seus integrantes e à sociedade.

O uso do uniforme não pode ser dissociado da cultura do grupo na qual estão relacionadas as pessoas que o utilizam. A estética do uso da farda impõe uma ética ao conjunto de pessoas que a envergam, há uma intensa relação da honra pessoal com a honra institucional, tanto do indivíduo que a veste como do grupo ao qual ele pertence. É nessa veiculação de entendimentos, não só

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

profissionais como também morais, que reside seu significado (SIRIMARCO, 2013).

A importância da farda e sua abrangência de significado para as organizações policiais militares não podem ser desconsideradas. Não só como elemento distintivo do todo, mas principalmente pela sua influência direta sobre o aspecto cognitivo na ética daqueles que a envergam, atuando como componente de instigação da representatividade organizacional, a farda deve ser analisada sob o aspecto do reforço positivo direto sobre a ética policial (ROCHA, 2013, p. 251).

As fardas constituem uma ferramenta de trabalho capazes de conduzir não somente os processos mentais (como percepção, atenção, cognição, entre outros), mas também a moral do indivíduo e propõem, por meio da estética (no sentido de configuração formal do objeto), uma ética no trabalho. A possibilidade de reformulação do design das fardas, contemplando os fatores humanos, pode delimitar a cognição do indivíduo em seu trabalho que, por conseguinte, pode modificar a moral e a ética no trabalho (DUARTE, 2012).

Se o uso da farda interfere e se correlaciona com a honra e a ética institucional, pode-se inferir que ele, o uso, tem implicação direta na representatividade institucional em relação à sociedade na qual a organização policial está inserida. O comportamento daquele que utiliza a farda reflete-se, positiva ou negativamente, na própria imagem da corporação.

A profissão policial militar impõe ao indivíduo uma série de atribuições, seguidas de renúncias de direitos e prerrogativas inerentes ao mundo civil, inclusive da própria vida, sendo a vida do militar guiada pela correção de atitudes, além de conduta moral e profissional irrepreensíveis a todos que integram suas fileiras. Muito deste comportamento pode ter vinculação

direta ao fato do militar envergar a farda, o que, por si só, já o diferencia do restante da sociedade. Camargo (1997, p. 59) descreve que “a estética militar, muito mais do que responsável pela boa apresentação da tropa e dos militares individualmente, é geradora de uma psicologia individual”.

A farda, além de ser uma representação da moralidade institucional, é também uma modalidade para sua própria construção. Na ausência de amarrotamento e de manchas repousa a “correção moral”. Se para o indivíduo deve ser uma honra vestir a farda policial, seu uso correto é também imprescindível para a honra da instituição, visto que a farda é um símbolo bivalente, que expressa tanto a honra individual como a honra institucional (BOURDIEU⁵, 1993 *apud* SIRIMARCO, 2013, p. 37).

As características retro mencionadas são essenciais para o desenvolvimento das atividades de polícia ostensiva de preservação da ordem pública destinadas às Polícias Militares. Visto que a estética militar atribuída pelo uniforme, confere atributos positivos aos policiais militares que envergam suas fardas, muito mais no campo cognitivo da moral e da correção de atitudes do que na beleza de suas vestes, contribui para que o referido seja reconhecido como referência, não só visual, mas principalmente, ética para a sociedade (CAMARGO, 1997, p. 71).

A correlação da estética com a ética profissional é tão latente que chega a interferir no comportamento não somente do indivíduo, mas também do grupo profissional ao qual está diretamente relacionada, podendo, inclusive, determinar uma nova cultura profissional na coletividade (BOURDIEU, 1993; CAMARGO, 1997; DUARTE, 2016).

Apesar das implicações éticas relacionadas à estética, fazendo uma comparação com a teoria evolucionista de Darwin,

⁵BOURDIEU, Pierre. Los ritos como acto de institución, in J. Pitt-Rivers e J. G. Peristiany (eds.), Honor y gracia, Madri, Alianza Editorial, 1993.

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

ressalta-se que as mudanças não deixam de ter seus perigos e dificuldades. Pesquisar o que é verdadeiro sem desvios subjetivos é bastante difícil, de forma que uma pesquisa ética das roupas deve valorizar suas funções e considerar até que ponto essas funções necessitam ser preenchidas, bem como quando uma função deve dar lugar a outra, ou seja, os vestígios que deixaram de ter funcionalidade, tanto nos organismos vivos, como nos trajes, poderiam ser eliminados ou substituídos sem qualquer prejuízo, ainda que estejam servindo apenas de ornamento. Ou seja, quando as condições se tornam desfavoráveis, itens podem desaparecer, enquanto aqueles que se adaptaram às novas funções serão capazes de sobreviver (FLÜGEL, 1966, p. 152-155, 166-167).

A despeito de ser plenamente plausível e até esperadas mudanças evolutivas nos uniformes, deve-se avaliar meticulosamente qualquer deliberação relativa a provocar alterações no fardamento de determinado grupo profissional, visto que a depender da decisão tomada, a corporação poderá transformar, positiva ou negativamente, a conduta profissional e ética de determinado grupo. Assim, para qualquer modificação no fardamento utilizado, torna-se imperioso à Polícia Militar realizar um devido estudo, com vistas a contemplar não somente a estética, mas principalmente as implicações éticas decorrentes desta modificação.

2.2 A cobertura em composição à estética militar

Como demonstrado, a estética militar é complexa e formada pelo todo, abrangendo o militar, seu comportamento e a perspectiva visual composta pela farda. No imaginário coletivo, a figura do militar é devidamente delineada e facilmente identificada. Além dos aspectos morais, a sua efígie começa no coturno, passa pelo fardamento, pelos seus armamentos, equipamentos e apetrechos policiais, culminando no devido uso da cobertura.

O chapéu é um dos itens que compõe o vestuário e serve para externar certas simbologias, como as das dignidades eclesiásticas e a dos militares. O chapéu tem a função de proteger a cabeça do usuário de intempéries climáticas ou simplesmente reduzido a um simples adorno (BARSA⁶, 2002, p. 113 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 12).

No meio militar, cobertura é a designação genérica dos apetrechos que são utilizados sobre a cabeça, em composição à farda, podendo se tratar de chapéu, quepe, barretina, capacete, gorro com pala, gorro sem pala, boina, etc. Ou seja, são os diversos tipos de adornos utilizados sobre a cabeça que contribuem para identificação da estética militar, além de oferecer alguma proteção àqueles que os utilizam.

Em relação à indumentária militar, a farda deve ser considerada em sua integralidade, ou seja, pelo conjunto de suas partes, que associadas identificam a estética militar. Sob este aspecto, o uso da cobertura assume um papel valioso, visto se tratar da peça de fardamento localizada na parte mais alta da configuração da estética militar. (FLÜGEL, 1966; BOURDIEU, 1993)

Sobre essa visão do uniforme militar como um todo e ressaltando a importância da cobertura, Flügel (1966) descreve:

Um uniforme militar é um todo, e a remoção de qualquer parte dá ao usuário uma aparência de despido, isto é, impudica, de modo que o soldado sem o uniforme completo seria como uma mulher vestida inadequadamente. [...] A remoção do elmo constituiria, como a remoção da espada, um símbolo dolorosamente claro de castração; doloroso demais, realmente, para ser tolerado, de modo que o soldado orgulhosamente exhibe sua glória militar (FLÜGEL, 1966, p. 94-95).

⁶BARSA, Nova Enciclopédia. 6. Ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda., 2002.

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

Sob o aspecto da identificação visual, existe a clara compreensão da cobertura como peça importante para composição da estética militar, entretanto, Coelho (1998) apresenta outro objetivo da cobertura, que possuiria finalidade diversa da aparência meramente estética, servindo para criar um aspecto intimidatório em suplementação à compleição física do militar.

Seja pela sua importância na estética militar, como equipamento de proteção individual ou até mesmo pelo aspecto de respeito e intimidatório, a cobertura possui grande relevância para a cultura e a tradição militar, sendo a sua ostentação objeto de orgulho e de representatividade institucional (COELHO, 1998; INVICTUS, 2017).

A cobertura, objeto da presente pesquisa, é a boina, principal modelo de cobertura utilizado pela PMMG e um dos principais utilizados pelas demais polícias militares do Brasil⁷.

Ao discorrer sobre a boina, Invictus (2017) destaca relevância da cobertura para a cultura militar em contraponto à cultura civil:

Para civis pode parecer um “bonezinho”, mas os militares a chamam de cobertura. Há quem pense que a boina é apenas uma peça elegante presente na indumentária militarista, mas sua história, significados e usos provam que não é só isso. Fato é que, mais que um simples adorno, a boina está presente na história da humanidade, cobrindo, desde pintores e artistas únicos, a tropas de bravos guerreiros. [...] No meio militar, a boina está entre os modelos de cobertura que contemplam usos e ocasiões distintas. O formato quepe é utilizado com trajes de gala e passeio, o gorro de pala é o popular boné, o bibico se assemelha ao “toque”,

⁷Em levantamento realizado em Polícias Militares de 26 estados da Federação (excluindo-se a de Minas Gerais, que foi objeto da pesquisa), 18 responderam ao questionamento de qual modelo de cobertura era adotado em cada instituição.

ou chapéu de cozinheiro; já a boina está em práticas mais ostensivas, cobrindo, entre outros, batalhões de operações especiais como o BOPE, a ROTA e o GATE, que a vestem na cor preta (INVICTUS, 2017).

A título de ilustração, Chico (2005, p. 150) descreve a utilização da boina por tropas militares modernas de vários países ao redor do mundo, tais como França, Inglaterra, Estados Unidos, Rússia, Iraque, Paquistão, Venezuela, Congo e África do Sul, citando, ainda, as tropas das Nações Unidas, caracterizadas por suas boinas azul-bebê.

Ao mencionar a utilização de cores distintivas nas boinas militares, o site Boinas Verdes, dedicado aos paraquedistas portugueses, descreve-a como uma peça diferenciadora, que carrega uma carga simbólica e com significado mítico, sendo sinônimo de orgulho e prestígio para quem as usava e que, ao mesmo tempo, transmitia respeito e admiração para quem os via (BOINAS..., [2017?]).

O uso de cores distintas para diferenciar as unidades especializadas também ocorreu no Brasil. O Exército Brasileiro, por exemplo, utiliza diversas cores de boinas para diferenciar seus grupamentos:

Boina verde-oliva: padrão do Exército Brasileiro.

Boina azul-ferrete: cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, alunos da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva, da Escola de Sargentos das Armas e do Instituto Militar de Engenharia.

Boina bordô: Brigada de Infantaria Paraquedista.

Boina camuflada: infantaria da selva.

Boina garança: colégios militares.

Boina preta: unidades blindadas ou mecanizadas.

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

Boina castanha: Brigada de Operações Especiais.

Boina cinza: infantaria de montanha.

Boina azul-ultramar: Comando de Aviação do Exército.

Boina bege: unidades aeromóveis.

Boina azul-celeste: missões de paz das Nações Unidas (INVICTUS, 2017).

Entretanto, a boina não possui apenas funções estéticas para composição do uniforme militar ou distinção de determinada tropa. Detém diversas características ergonômicas que contribuíram para a sua popularização no meio militar, que vão desde sua capacidade de proteção, até sua adequabilidade às missões militares, por ser leve, flexível, de fácil adaptação a qualquer compleição física e não restringir o campo de visão do militar. Assim, a boina não compromete os militares em ações de conflito, protege do sol, em decorrência do seu design, não impede a visão dos agentes em abordagens. Mais do que um acessório, a boina é uma peça que impõe respeito e excelência na composição do fardamento (INVICTUS, 2017).

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para o presente estudo, foram utilizadas as técnicas dos métodos comparativo, monográfico e estatístico, quando se buscou investigar o uso da cobertura na Polícia Militar de Minas Gerais, tratando o tema com detalhe e maior amplitude de análise, o que possibilitou, ao final, melhor compreensão da temática.

Foram realizadas observações diretas extensivas, através da distribuição de questionários, constituídos por uma série de perguntas que foram respondidas sem a presença do pesquisador, com auxílio de uma plataforma de formulários *online*, denominada *Google Forms*. Todos os dados coletados nesta pesquisa tiveram tratamento confidencial e agregado. Os resultados e as análises serão apresentados de forma consolidada e agrupada, não sendo individualizado ou identificado qualquer

participante.

Os questionários abrangiam doze questões. Para avaliação de cada afirmação foi utilizada uma escala Likert, adaptada para seis pontos, sem a presença de uma posição neutra, para facilitar uma avaliação polarizada das respostas. Foi adotada a escala de 1 (um) para discordo totalmente, a 6 (seis) para concordo totalmente. A cada célula de resposta foi atribuído um número, que sintetiza a posição dos respondentes em relação a cada afirmação.

Após a tabulação das respostas em escala Likert, foi definida a média das pontuações obtidas para cada assertiva pesquisada. Assim, em relação à pontuação obtida, quanto mais próxima de 6 (seis) maior a concordância dos pesquisados em relação à afirmação avaliada e quanto mais próximo de 1 (um) maior a discordância.

Como foi utilizada uma escala Likert de seis pontos, sem a presença de uma posição neutra, a pontuação que representa a neutralidade é calculada pela razão das duas posições centrais, no caso 3 e 4, sendo, portanto, 3,5 a pontuação que dividirá as opiniões entre a discordância ou concordância das assertivas. Desta forma, uma pontuação menor do que 3,5 indica discordância, ao ponto que acima de 3,5 indica concordância.

A análise e interpretação de dados foi decorrente da coleta de dados obtidos de 1.151 (um mil cento e cinquenta e um) policiais militares lotados na 1ª Região de Polícia Militar, localizada em Belo Horizonte. A capital do estado de Minas Gerais foi eleita para a pesquisa, tendo em vista que nela se encontram os mais diversos fatores intervenientes que possam subsidiar a pesquisa sobre a utilização da cobertura boina. Dentre os fatores intervenientes ao uso da cobertura que motivaram a escolha da cidade, destacam-se os diversos tipos de arquitetura urbana, desde áreas de mata, até aglomerados urbanos, passando por condomínios de alto padrão e densa área comercial.

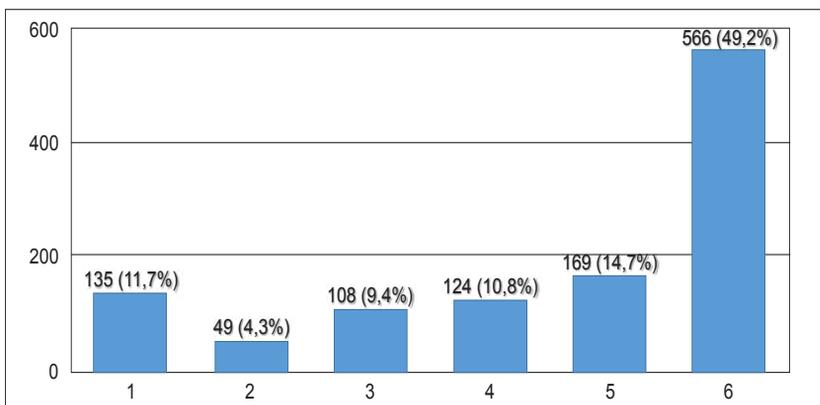
ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A seguir será apresentada a interpretação e análise dos dados coletados na pesquisa de campo. Para melhor compreensão, os dados foram divididos e analisados com base nos referenciais teóricos pesquisados, alusivos aos conhecimentos sobre ergonomia e estética militar.

A primeira assertiva apresentada objetivou correlacionar o uso da cobertura com a apresentação pessoal. Dentre todas as assertivas, essa foi a que obteve a maior correlação de concordância entre os pesquisados, 74,6%, alcançando a pontuação de 4,60 na escala Likert, sendo que quase a metade (49,2%) concordou totalmente com a afirmação de que sob o enfoque da estética militar, o uso da cobertura contribui para a boa apresentação pessoal do Policial Militar (GRÁFICO 1).

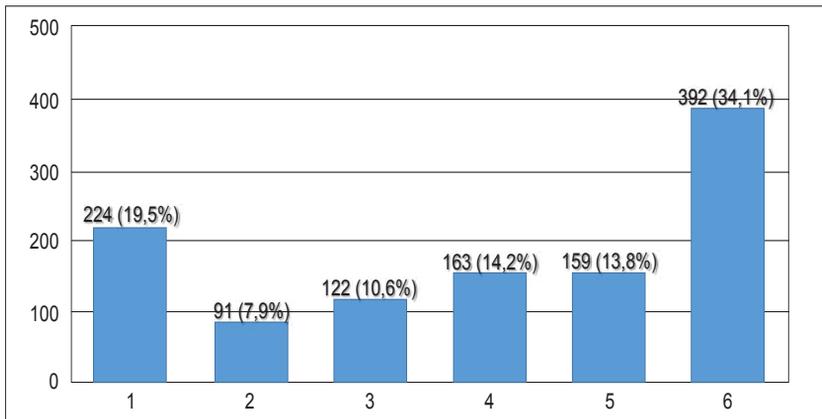
Gráfico 1 - Sob o enfoque da estética militar, o uso da cobertura contribui para a boa apresentação pessoal do Policial Militar – Belo Horizonte, 2018



Fonte: Dados da pesquisa.

Sob o enfoque da estética militar, o Gráfico 2 mostra a percepção dos pesquisadores sobre o uso da cobertura e sua relação com a ostensividade e o estabelecimento da segurança objetiva à população. 62,03% dos militares respondentes concordaram com essa assertiva, dos quais 34,1% concordaram totalmente. A escala Likert alcançou 3,97, uma das mais altas da pesquisa.

Gráfico 2 - Sob o enfoque da estética militar, o uso da cobertura na PMMG contribui para a ostensividade no desempenho das atividades policiais militares, culminando em um maior estabelecimento da segurança objetiva à população - Belo Horizonte, 2018

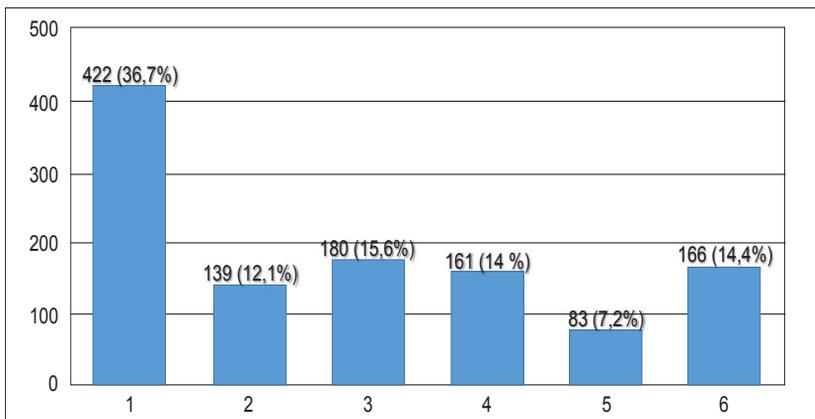


Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 3 apresenta o resultado da pesquisa acerca da percepção do uso da cobertura como otimizador das condições de trabalho, contribuindo positivamente para o desempenho das atividades de policiamento ostensivo geral. A baixa pontuação na escala Likert (2,86) terceira menor da pesquisa, demonstra que os respondentes discordaram dessa assertiva.

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

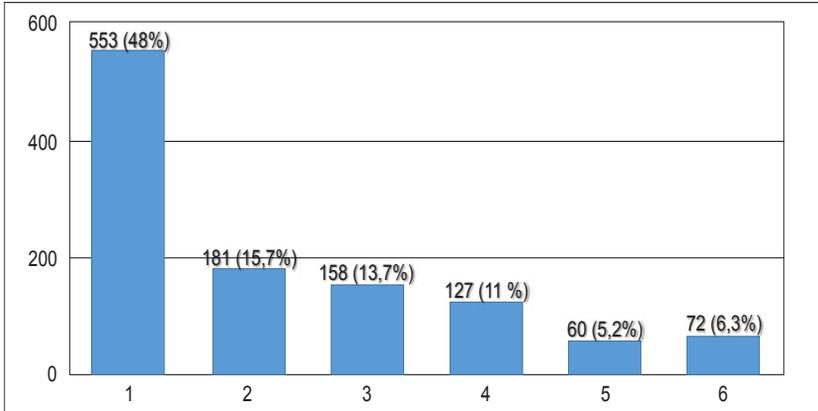
Gráfico 3 - Sobre o serviço policial militar ordinário (policciamento ostensivo geral), a cobertura otimiza minhas condições de trabalho e contribui positivamente para o desempenho de minhas atividades - Belo Horizonte, 2018



Fonte: Dados da pesquisa.

No campo da ergonomia, mas com foco nos equipamentos de proteção individual (EPI), foi pesquisado se a boina preta proporciona proteção contra acidentes e a incidência dos raios solares (GRÁFICO 4). Dentre todos os aspectos pesquisados, esse apresentou a segunda maior discordância entre os respondentes, com 77,50% de discordância e 2,28 de pontuação na escala Likert, somado ao fato de que quase a metade (48%) discordou totalmente. Demonstra-se que os usuários da boina preta não percebem características de proteção contra acidentes e a incidência dos raios solares nesse produto.

Gráfico 4 - A cobertura, boina preta, prevista no RUIPM proporciona proteção contra acidentes e a incidência dos raios solares - Belo Horizonte, 2018

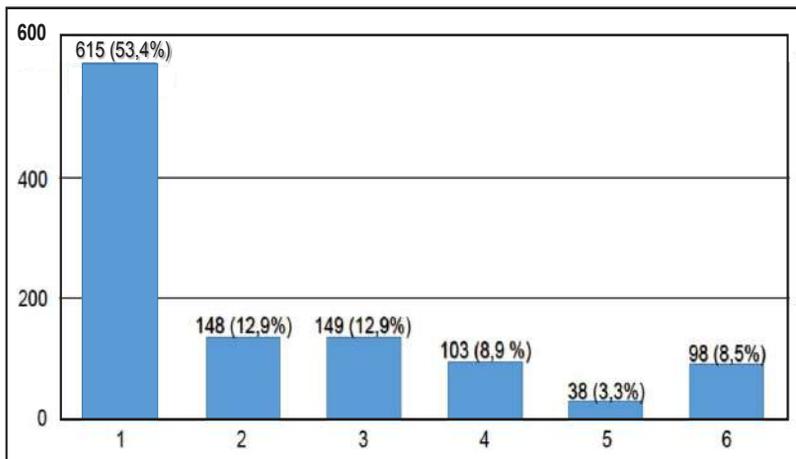


Fonte: Dados da pesquisa.

Ao se analisar a adequação do uso da cobertura para a atividade de policiamento motorizado, dentre todos os itens pesquisados, encontrou-se a maior discordância e polarização. A análise aponta que 79,24% dos policiais militares respondentes não entendem que a cobertura seja importante para a atividade de policiamento motorizado, dos quais, mais da metade (53,4%) discordaram totalmente da assertiva. Por conseguinte, evidenciou-se a mais baixa pontuação de toda a pesquisa, obtendo a pontuação de apenas 2,21 na escala Likert (GRÁFICO 5).

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

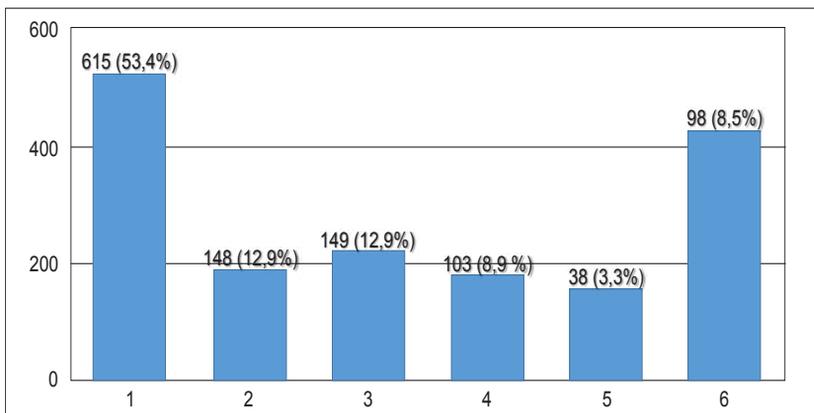
Gráfico 5 - O uso da cobertura é importante para a atividade de policiamento motorizado - Belo Horizonte, 2018



Fonte: Dados da pesquisa.

Pesquisou-se, também, se a boina interfere no desempenho dos policiais militares durante o desempenho do policiamento motorizado (GRÁFICO 6).

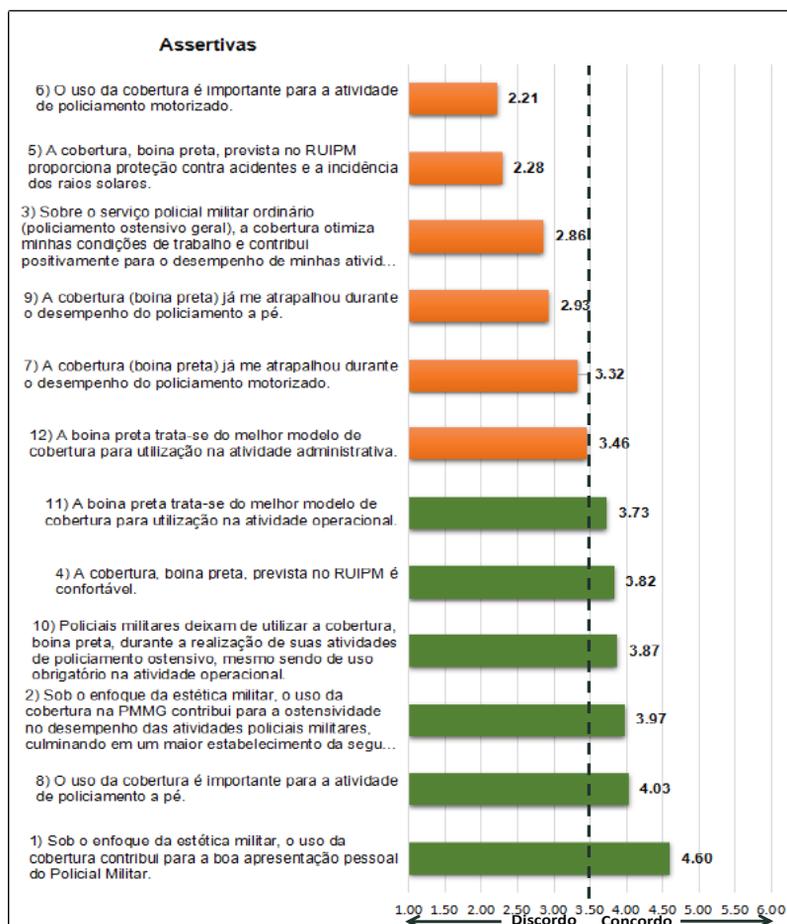
Gráfico 6 - A cobertura (boina preta) já me atrapalhou durante o desempenho do policiamento motorizado - Belo Horizonte, 2018



Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados das doze afirmações avaliadas na pesquisa foram agrupados e classificados em ordem crescente de forma a proporcionar um melhor entendimento dos aspectos atinentes ao uso da cobertura na PMMG. Dessa forma, o Gráfico 7 sintetiza as informações coletadas na primeira parte da pesquisa.

Gráfico 7 – Resultados da Escala de Likert (1-6)⁸ aplicados às respostas do questionário - Belo Horizonte, 2018



Fonte: Dados da pesquisa.

⁸ Neutralidade = 3,5 (calculada pela razão das duas posições centrais na escala Likert, no caso 3 e 4).

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

Decorrente da análise dos dados consolidados no Gráfico 7, algumas observações tornam-se pertinentes. Preliminarmente, insta salientar que as duas maiores polarizações de discordância ocorreram em decorrência das assertivas analisadas nos itens 6 e 5. Ou seja, o uso da cobertura não seria importante para a atividade de policiamento motorizado e a boina preta não proporcionaria proteção contra acidentes e a incidência dos raios solares.

Conforme já mencionado anteriormente, essas respostas evidenciam a insatisfação dos respondentes em relação ao uso da cobertura para as atividades de policiamento motorizado, bem como o entendimento de que a boina não se trata de um EPI, levando-se a inferir que, na visão dos pesquisados, ela seria considerada uma peça ornamental, em composição à estética militar. Tal enfoque é reforçado pelo resultado no qual os policiais militares discordaram que a cobertura não otimizaria suas condições de trabalho, contribuindo positivamente para o desempenho de suas atividades.

O fato da cobertura ser entendida como peça ornamental em composição ao uniforme é robustecido pela análise em conjunto dos resultados anteriores. Com a terceira maior polarização apresentada no Gráfico 7, nesse caso uma polarização de concordância, a qual assevera que, sob o enfoque da estética militar, o uso da cobertura contribui para a boa apresentação pessoal do Policial Militar.

Esse entendimento por parte dos respondentes é relevante para compreensão de outro ponto de vista evidenciado na pesquisa, acerca da usabilidade da cobertura, no qual os respondentes apontaram ser o uso da cobertura importante para o policiamento a pé e que seu uso contribuiria para a ostensividade no desempenho das atividades, culminando em um maior estabelecimento da segurança objetiva à população

(GRÁFICO 7).

Percebe-se, portanto, que a pesquisa demonstrou que a cobertura atual, boina preta, trata-se mais de uma peça ornamental, contribuindo para a boa apresentação pessoal do policial militar, do que de um equipamento de proteção individual, que contribua positivamente para o desempenho das atividades policiais militares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou conceituar o termo ergonomia e investigar as suas teorias aplicáveis ao uso do uniforme. Ressalta-se que a ergonomia é uma ciência recente, em evolução e de caráter interdisciplinar, conjugando conhecimentos de diversas áreas, como Engenharia, Fisiologia e Psicologia. Evidenciou-se, ainda, que a Ergonomia não se trata de uma ciência exata ou estanque, mas em evolução, que engloba diversos fatores humanos relativos à interação do homem com seus equipamentos e seu ambiente de trabalho.

Em relação à estética militar, destaca-se a associação do belo ao útil, ou seja, se um objeto se adapta e cumpre sua função, é belo, sob este ângulo, percebe-se que existe uma vinculação entre a estética e a ergonomia. Nesse sentido, os estudos apontam para um vínculo existente entre a estética e a ética, proporcionando a compreensão da importância da farda e sua abrangência de significado para as organizações policiais militares, não só como elemento distintivo do todo, mas principalmente pela sua influência direta sobre o aspecto cognitivo na ética do policial.

Em relação à boina, objeto de estudo do presente trabalho, foram evidenciadas suas características ergonômicas e estéticas que contribuíram para a popularização no meio militar, tais como ser leve, flexível, de fácil adaptação a qualquer complexão física e não restringir o campo de visão do militar, sendo uma peça de

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

uniforme que impõe respeito, além de possibilitar a distinção de determinada tropa.

A pesquisa de diversos autores de áreas distintas revelou a perspectiva de que o olhar sobre a temática do uso da cobertura deve passar não só pela ergonomia, mas também pela estética militar, além de sua utilidade para a atividade policial militar.

Na análise e interpretação dos dados, sobressai-se que existe uma insatisfação dos respondentes em relação ao uso da cobertura para as atividades de policiamento motorizado, bem como o entendimento de que a boina não se trata de um EPI. Também evidenciam que sob o enfoque da estética militar, o uso da cobertura contribui para a boa apresentação pessoal do Policial Militar, sendo importante para o policiamento a pé, contribuindo para a ostensividade no desempenho das atividades, culminando em um maior estabelecimento da segurança objetiva à população.

Infere-se, portanto, o entendimento de que, para os respondentes, a cobertura atual, boina preta, trata-se de mais de uma peça ornamental, que contribui para a boa apresentação pessoal do policial militar, do que de um equipamento de proteção individual, que contribua positivamente para o desempenho das atividades policiais militares.

Fica evidenciado que pode haver interferência na forma de uso da cobertura pelos policiais militares em decorrência da baixa percepção sobre a sua importância para a atividade desempenhada, já que, conforme os autores referenciados (WISNER, 1987; NOULIN, 2002; IIDA, 2005; WACHOWICZ, 2007), a usabilidade dependeria da interação entre o produto, o usuário, a tarefa e o ambiente. Na prática, se ao usar um equipamento ele atrapalhar o desempenho do profissional, ou se o sofrimento pelo uso for intenso, este deixa de ser usado.

O que permite salientar que as alternativas de solução para o problema requerem uma avaliação ergonômica da cobertura por parte da PMMG, objetivando a adequação do uso às atividades realizadas, de forma a proporcionar um desempenho eficiente, confortável e seguro, permitindo melhorar a satisfação do policial militar e, por conseguinte, o aumento da produtividade.

Portanto, as atividades da Polícia Militar de Minas Gerais, com vistas a resolver os óbices detectados, necessitam englobar ações que levem em consideração os aspectos relativos à ergonomia, de forma a possibilitar uma melhor adaptação do produto ao trabalhador, em relação à tarefa executada, sem, contudo, desprezar as implicações éticas e estéticas decorrentes das mudanças.

Como apontado no presente estudo, a estética dos produtos tem correlação estreita com a ética, assim, antes de se efetuar mudanças nos uniformes, deve-se avaliar meticulosamente as implicações dessa mudança na conduta profissional e ética dos policiais militares.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ERGONOMIA – ABERGO. **O que é ergonomia**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o_que_e_ergonomia. Acesso em: 13 jun. 2018.

BARSA. **Nova Enciclopédia**. 6. Ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda, 2002.

BOINAS Verdes. [2017?]. Com base no artigo do Cap SGPQ Miguel Silva Machado. Publicado na **Revista “Boina Verde”**, Nº 155, dez. 1990. Disponível em: <http://boinasverdesportugal.pt/equipamento1.htm>. Acesso em: 14 jun. 2018.

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

BOURDIEU, Pierre. Los ritos como acto de institución. In J. Pitt-Rivers e J. G. Peristiany (eds.), *Honor y gracia*, Madri, Alianza Editorial, 1993.

CAMARGO, Carlos Alberto de. Estética Militar e Instituições Policiais. **Revista Força Policial**, São Paulo, n. 15, p. 49-96, jul/ago/set, 1997. Disponível em: <http://www3.policiamilitar.sp.gov.br/unidades/caj/wp-content/uploads/2016/04/Revista15.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

CHICO, Beverly. Beret. In: STEELE, Valerie (Ed.). *Encyclopedia of clothing and fashion*. Farmington Hills, EUA: Thomson Gale, 2005. p. 149-151. Disponível em: <http://1.droppdf.com/files/gETut/encyclopedia-of-clothing-and-fashion-vol1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2018.

COELHO, Sérgio Veludo. Uniformologia: O jogo da aparência e da realidade. População e Sociedade: População Portuguesa. História e Prospectiva IV, Porto, Pt, v. 1, n. 4, p. 229-250, nov. 1998. **Revista do IV Encontro População Portuguesa**. História e Prospectiva. Promovido pelo CEPFAM - Centro de Estudos da População e Família. Disponível em: <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/populacao-e-sociedade/revista-populacao-e-sociedade-no-4>. Acesso em: 13 maio 2018.

CONTE, Antônio Lázaro. Qualidade de Vida no Trabalho: Funcionários com qualidade vida no trabalho são mais felizes e produzem mais. **Revista FAE BUSINESS**, [Curitiba], n. 7, nov. 2003.

CORAZZA, Sandra. O Paradoxo do Uniforme. **Pátio: Revista Pedagógica**, Porto Alegre, Ano VII, nº 28, p. 54-56, nov. 2003/ jan. 2004.

DUARTE, Luciana dos Santos. **Ética e estética das fardas**

e o trabalho da Polícia Militar de Minas Gerais. 2012.

Disponível em: http://ethicalfashionbrazil.com/wp-content/uploads/2018/02/Ética-e-estética-das-fardas_Colóquio-Psicossociologia_Luciana-Duarte.pdf. Acesso em: 15 maio 2018.

DUARTE, Luciana dos Santos. Análise da farda B1 da Polícia Militar de Minas Gerais: do projeto de produto e sua configuração estética à ética de trabalho do policial militar. In: **Congresso brasileiro de ergonomia**, 18, 2016, Belo Horizonte. Anais.... Belo Horizonte: 2AB, 2016. p. 1 - 7.

FERREIRA, Mário César. A ergonomia da atividade pode promover a qualidade de vida no trabalho? Reflexões de Natureza Metodológica. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 8-20, jan. 2011. ISSN 1984-6657. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/22243/20162>. Acesso em: 09 jun. 2018.

FERREIRA, Mário César. A ergonomia da atividade se interessa pela qualidade de vida no trabalho?: Reflexões empíricas e teóricas. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 11, n. 1, p.83-99, 1 jun. 2008. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v11i1p83-99>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25792>. Acesso em: 13 maio 2018.

FLÜGEL, John Carl. **A psicologia das roupas**. São Paulo. Mestre Jou. 1966, 240 p.

GONÇALVES, Eliana e LOPES, Luciana Dornbusch. Ergonomia do vestuário: conceito de conforto como valor agregado ao produto de moda. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE DISEÑO, II, 2007, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Facultad de Diseño y Comunicación, 2007. Disponível em: http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A039.pdf. Acesso em 25 set. 2018.

IIDA, Itiro. **Ergonomia**: projeto e produção. São Paulo, Edgard Blücher, 2005, 614 p.

INVICTUS (Palhoça/SC). **Não é apenas uma boina, é uma B-O-I-N-A**. 2017. Disponível em: <https://invictus.ind.br/blog/2017/01/12/nao-e- apenas- uma-boina-e-uma-b-o-i-n-a/>. Acesso em: 13 jun. 2018.

LABAT, Karen L. *Human factors as applied in apparel design*. **International Encyclopedia of Ergonomics and Human Factors**, Ed. W. Karwowski, p. 1655-1657, 2006.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. Qualidade de vida no trabalho: conceitos, abordagens, inovações e desafios nas empresas brasileiras. **Revista Brasileira de Medicina Psicossomática**, v. 1, n. 2, p. 79-83, 199.

LISBOA, Claudionor. A estética militar e as organizações policiais. **Folha de S.Paulo**. São Paulo. 14 abr. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/4/14/opiniaio/8.html>. Acesso em: 15 ago. 2018.

MARÇAL, Jairo (Org.). **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED-PR, 2009. 736 p. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filo.pdf. Acesso em: 19 ago. 2018.

NOULIN, M. **Ergonomie**. 2. ed. Toulouse: Octarès, 2002.

OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. Análise a respeito do tamanho de amostras aleatórias simples: uma aplicação na área de ciência da informação.

DataGramZero, v. 6, n. 4, p. A01-00, 2005. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/7551>. Acesso em: 04 Set. 2018.

REGO, Costa. O Uso do Uniforme. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, p. 2. 04 jul. 1934. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1934_12157.pdf>. Acesso em: 24 maio 2018.

RIBEIRO, Larissa Alves Ribeiro; SANTANA, Lídia Chagas de. Qualidade de vida no trabalho: fator decisivo para o sucesso organizacional. **Revista de Iniciação Científica - RIC**. Cairu, v. 2, n. 2, p. 75-96, jun. 2015. Disponível em: http://www.cairu.br/ricairu/pdf/artigos/2/06_QUALIDADE_VIDA_TRABALHO.pdf. Acesso em: 19 mai. 2018.

ROCHA, Alexandre Pereira da. **A gramática das polícias militarizadas**: estudo comparado entre a polícia militar do Estado de São Paulo - Brasil e carabineros - Chile, em regimes políticos autoritários e democráticos. 2013. x, 303 f., il. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14293/1/2013_AlexandrePereiraRocha.pdf. Acesso em: 09 set. 2018.

SANTOS, Antônio Mendes Barbosa. **Pensar a Beleza**: (Parte 03/12). 2010. Site Filosofando e Historiando. Disponível em: <<https://filosofandoehistoriando.blogspot.com/2010/11/pensar-beleza-parte-0312.html>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

SANTOS, Teresa Michele Maia dos. **Ergonomia no design de vestuário de trabalho**: da percepção do designer à sua aplicação através da ergonomia Kansei. 135 f. Tese (Doutorado em Motricidade Humana na especialidade de Ergonomia) - Universidade Técnica de Lisboa / Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, 2012.

ERGONOMIA OU ESTÉTICA MILITAR? DILEMAS E PARADOXOS DO USO DE FARDAMENTO PELAS INSTITUIÇÕES MILITARES

SEMIOSE. In: **ciberdúvidas** da língua portuguesa. 2020. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/semiose-e-semiotica/34036>. Acesso em: 12 abr. 2020.

SIRIMARCO, Mariana. A vida com farda: a vestimenta policial como relato institucional em disputa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 82, p.31-43, jun. 2013. Tradução de Gértea Oliveira e Ivone Pereira Lima. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092013000200003>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n82/v28n82a03.pdf>. Acesso em: 05 maio 2018.

TIMENI, Samar Hamad. Fatores determinantes da qualidade de vida no trabalho (QVT) de profissionais de enfermagem: um estudo de caso em hospitais públicos no RN. **Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX**, Natal, v. 9, n. 1, p.1-20, jan. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/view/115/39>. Acesso em: 24 maio 2018.

VIDAL, Mário César. **Introdução à ergonomia**. Rio de Janeiro: Curso de Especialização em Ergonomia-CESERG/COPPE/UFRJ, 2001. Disponível em: <http://www.ergonomia.ufpr.br/Introducao%20a%20Ergonomia%20Vidal%20CESERG.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

VILELA, Teresinha Maria de Castro; JUNGER, Victor. Uniforme e Cultura Visual: códigos visuais do escolar. In: **VI Seminário Nacional de pesquisa em arte e cultura visual**, 2013, Goiânia. Anais... . Goiânia: UFG, Fav, 2013. p. 163 - 165. Disponível em: https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2013-037-eixo1_Teresinha_Maria_de_Castro_Vilela.pdf. Acesso em: 15 maio 2018.

WACHOWICZ, Marta Cristina. **Segurança, saúde e ergonomia**. Curitiba: IBPEX, 2007. 232 p.

WISNER, Alain. **Por dentro do trabalho**: Ergonomia: Método e técnica. São Paulo: FTD: Oboré, 1987. 189 p.